

# A MEMÓRIA SOB A PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA

*Daniele Achilles*

*Jô Gondar*

## RESUMO

Este artigo trata da memória como um campo complexo e transdisciplinar. Parte das concepções de Maurice Halbwachs, criador da noção de memória coletiva para destacar as novidades trazidas por Walter Benjamin, que valoriza a memória enquanto experiência. A partir da noção benjaminiana de experiência, aponta as possibilidades criativas de uma memória fragmentária e discute a informação sob uma perspectiva crítica, evitando tanto o lamento sobre o passado quanto a apologia do progresso e da técnica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória Social. Memória. Experiência.

## ABSTRACT

This article deals with the memory as a complex and transdisciplinary field. It introduces the concept of social memory in the work of Maurice Halbwachs in contrast to the understanding of social memory as experience emphasized by Walter Benjamin. The paper highlights the creative possibilities embedded in the idea of memory as experience and enhances memory since a contemporary perspective, avoiding the lamentations over the past and the apology of progress and technique.

**KEYWORDS:** Social Memory. Memory. Experience.

## INTRODUÇÃO

A memória social é um campo de estudo vasto que atravessa diferentes áreas disciplinares e possui uma difícil delimitação, bem como ampla complexidade conceitual. Atualmente, tem sido abordada por diversas perspectivas teóricas e problematizada a partir da dinâmica contemporânea marcada pela mídia, temporalidade, memória do tempo vivido e do esquecimento.

Partindo das concepções que inauguram este campo – as do sociólogo Maurice Halbwachs – este trabalho pretende destacar as novidades que a ele são trazidas por Walter Benjamin, ao abordá-la sob a perspectiva da experiência. Essa perspectiva permite valorizar a memória fragmentária e repensar a noção de

informação na contemporaneidade, levando em conta tanto seus aspectos negativos quanto positivos em relação à memória. A discussão proposta neste artigo atravessa os campos das ciências sociais, da história e da ciência da informação, reafirmando o caráter transdisciplinar da memória social. Pensamos que a perspectiva da memória enquanto experiência, tal como Walter Benjamin a propõe, reforça a transdisciplinaridade da memória social. Para entender melhor o pano de fundo desde o qual construímos o presente trabalho, vamos nos valer dos argumentos presentes no artigo 'Cinco proposições sobre memória social' (GONDAR, 2016).

A memória pode ser vista como um campo de estudos que aloja uma multiplicidade de definições, provenientes de diferentes perspectivas e discursos, muitas vezes contraditórias. É ainda concebida enquanto produção de poder, destinada à manutenção dos valores de um grupo. Para dar conta da multiplicidade, do movimento e da própria dinâmica da memória, são apresentadas cinco proposições. São elas:

**1ª Proposição** – O campo da memória social é transdisciplinar. Essa proposição trata da relação da memória social com os campos do saber. A proposta transdisciplinar tem como objetivo a valorização de pesquisas capazes de atravessar diferentes domínios e níveis do saber, para construir ideias que possam dar origem a novas formas, práticas e discursos para a pesquisa;

**2ª Proposição** – O conceito de memória social é ético e político. Essa proposição se refere à esfera prática do conceito já que, ao escolhermos uma perspectiva teórica, já estamos assumindo uma posição ética e política que carrega uma série de implicações;

**3ª Proposição** – A memória implica esquecimento. Essa proposição aborda a relação entre o par lembrança-esquecimento. Pensamos que o esquecimento é condição *sine qua non* para a lembrança, sendo a memória o resultado dessa complexa relação. O fato é que desde o momento que selecionamos, admitimos o que deve ser lembrado e esquecido;

**4ª Proposição** – A memória não se reduz à identidade. Essa proposição reconhece o esquecimento como um elemento inerente à construção da memória e ainda indica outra categoria ligada a ela – a identidade que é ficcional, já que é

construída a partir de interesses práticos, subjetivos, políticos que supõem um embate entre lembrança e o esquecimento;

**5ª Proposição** – A memória não se reduz à representação. Essa proposição indica que não podemos reduzir a memória a este campo, pois existem memórias que são irrepresentáveis.

Esta é a concepção de memória com a qual iremos trabalhar. Enfatizamos que existem diversos campos do saber que a atravessam e pretendemos ressaltar as implicações do par lembrança-esquecimento que podem ser responsáveis pelo entrelaçamento entre experiência, memória e informação, por exemplo. Para isso, vamos inicialmente apresentar as configurações delineadas pelo criador da memória social enquanto disciplina - Maurice Halbwachs - para, em seguida, destacar as novidades que Walter Benjamin foi capaz de inserir neste campo complexo que se tornou a memória social, desde o seu surgimento. Novidades que nos permitem entender a memória contemporânea por um viés que não é apenas, como veremos, o da nostalgia e da perda.

## CAMPO DA MEMÓRIA SOCIAL

Os estudos sobre memória social surgiram no século XIX, mas se sofisticaram a partir do século XX quando esta se tornou o centro de preocupações de vários pensadores e objeto de debate entre diversos teóricos. A memória social passou a ser considerada um tema privilegiado de discussão no campo das ciências sociais e humanas, desde o seu surgimento como disciplina, com Maurice Halbwachs, que sofreu influências de Émile Durkheim.

Nossa intenção não é realizar análises aprofundadas das obras de Durkheim, mas apenas indicar as contribuições que nos permitem, por oposição, compreender o sentido de memória na obra de Benjamin. Durkheim (2007) abordou a questão do fato social para entender a relação entre indivíduo e sociedade, buscando assim inaugurar uma nova sociologia, baseada na metodologia das ciências naturais. Dessa maneira, pode entender os fenômenos que ocorrem no interior da sociedade, declarando que, por menores que fossem esses fenômenos, existia uma

causalidade passível de entendimento na esfera do social. A partir dessa esfera poderíamos entender também o papel ou a função que o indivíduo possui ou exerce no interior de um grupo ou da própria sociedade.

Para Durkheim (2007), as práticas sociais, culturais e informacionais também funcionam do mesmo modo. Os indivíduos utilizam sistemas para que a parte (eles próprios) e o todo (o grupo ou a sociedade) possam manter sua coesão social. Em outras palavras, o hábito, a conduta e o pensamento humano não são apenas exteriores ao indivíduo, mas também interiores, visto que este sofre uma coerção interna em virtude do que lhe é imposto externamente. Assim, as maneiras de agir, pensar e existir exteriores ao indivíduo são dotadas de um poder de coerção, assim como os fatos que se impõem a ele (DURKHEIM, 2007).

Os fatos acabam sendo apropriados, isto é, constituídos e nomeados em um determinado momento pelos grupos sociais. Dessa forma, o indivíduo frente ao fato social passa a ser produto. Podemos supor que as práticas constituídas com base no que precede só se tornam práticas propriamente ditas se há fato social. E só existe fato social onde há organização definida, isto é, formas cristalizadas e objetivas. Assim, os fatos sociais se exercem sobre os indivíduos, levando-os a se conformarem às regras dispostas pela sociedade. Para Durkheim (2007), os conflitos do indivíduo passam para o grupo, ou para a sociedade, que de algum modo os representam. O ponto de vista durkheimiano sugere uma cristalização e objetividade das apropriações sociais e, conseqüentemente, a memória é concebida por ele com essas características.

Maurice Halbwachs, pensador da escola sociológica francesa, partiu do trabalho de Durkheim sobre *Representações Individuais e Representações Coletivas* e direcionou suas análises para pensar o campo da memória social, focando-a enquanto reconstrução do passado a partir da memória coletiva. O autor admite que as lembranças, mesmo as individuais, são constituídas a partir de um grupo. É a partir das ideias durkheimianas que Halbwachs (2004) afirma que a memória garante a coesão social<sup>1</sup>. O autor vai afirmar que a memória individual é

---

<sup>1</sup> Coesão Social – os laços com o grupo se mantêm mesmo quando os indivíduos se encontram

fundada a partir das referências e lembranças próprias do grupo; a memória será vista sempre sob o ponto de vista da memória coletiva, já que as lembranças podem, a partir da vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas.

Halbwachs (2004) define a memória coletiva contrapondo-a à memória histórica. Enquanto a memória coletiva apoia-se sobre o 'passado vivido' e sobre a 'continuidade temporal', a memória histórica seria “descontínua”, apoiando-se sobre um 'passado produzido enquanto objeto da ciência'. Dessa maneira, a memória coletiva não se apoiaria em fórmulas ou leis históricas, mas em determinados quadros que se delineiam a partir da própria experiência do passado:

Os quadros coletivos da memória não se resumem a datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo (HALBWACHS, 2004, p. 71).

Halbwachs (2004) pensa uma memória integrada, sem conflitos. Sua forma de abordá-la apresenta a mesma cristalização e objetividade que o método de Durkheim propõe. Ele reconhece que as memórias podem divergir entre si na mesma medida em que existem diversos grupos em uma sociedade. Entretanto, segundo Halbwachs (2004), esses grupos se integram para constituir um todo social harmônico, sem que sejam enfatizadas as disputas e as lutas, tanto entre grupos quanto no interior de cada um deles.

De posse das ideias ressaltadas por Halbwachs (2004), consideradas clássicas sobre o campo da memória social, apontamos que o foco aqui será abordar outra dimensão – aquela que resulta de um emaranhado de forças sociais, políticas, econômicas, culturais e informacionais. Para nos posicionarmos frente a uma perspectiva teórica que conduza esse ‘experimento textual’, e que se distancia dessa concepção clássica, vamos articular a memória social a partir da categoria conceitual experiência enfatizada por Walter Benjamin.

Cabe destacar que Walter Benjamin, autor escolhido para realizar esse ‘experimento textual’, não direcionou suas análises diretamente ao campo da

---

sozinhos, é no grupo que eles se pautam ao recorrerem às suas lembranças (HALBWACHS, 2004).

memória, mas buscou o entendimento da relação indivíduo-sociedade e, de certa forma, acabou desenvolvendo outros conceitos que se ligam diretamente à questão da memória. Benjamin (1892-1940) ao construir sua filosofia baseada na história e na linguagem, realizou uma reflexão sobre a modernidade, produzindo uma obra vanguardista e materialista. Seu pensamento é bem marcado pela inclusão de aspectos opostos como: nostálgicos e vanguardistas; tecnológicos e materialistas; conservadores e revolucionários (GAGNEBIN, 2013). Ele estabelece relações dialéticas entre o passado pré-capitalista e o futuro pós-capitalista; entre a harmonia arcaica e utópica; entre a experiência passada e a experiência liberada (GAGNEBIN, 2013).

Em nosso trabalho, a escolha por refletir acerca da experiência, terreno já estudado por Benjamin, traz uma novidade: a ampliação das possibilidades para a compreensão da memória no mundo contemporâneo. Dessa forma, é possível buscar novos sentidos para lançar um olhar sobre a construção da memória com o intuito de ampliar os aspectos sobre esse campo que poderão servir para reafirmar as múltiplas possibilidades criativas intrínsecas à própria memória, enquanto categoria.

## A MEMÓRIA SOB A PERSPECIVA DA EXPERIÊNCIA

Considerado um dos maiores teóricos do século XX, Walter Benjamin desenvolveu uma extensa obra que supera as expectativas iniciais de qualquer leitor. Seus trabalhos podem ser concebidos como uma coleção de narrativas singulares que foram escritas cuidadosamente e o colocaram à frente de seu tempo. Como afirma Gagnebin:

Walter Benjamin é conhecido, talvez em demasia, por ser um teórico da memória e da conservação do passado. Sua obra oferece um manancial de belas citações para historiadores, conservadores de patrimônio ou de museus, pesquisadores e escritores que constata, com razão, a indiferença que caracteriza nossa atual relação com o passado (2014, p. 217).

De fato, a questão da memória vai ocupar bastante o pensamento de Benjamin, pois toda sua obra é percorrida pelas questões relacionadas ao lembrar e esquecer. Na obra 'Infância Berlinense: 1900' (BENJAMIN, 2013), o autor dá indícios dessas preocupações, explicadas em boa parte de seus textos. Ele registrou em seus fragmentos as imagens de sua infância no início do século XX. É por meio dessa preocupação com o lembrar e esquecer que Benjamin vai escrever seus fragmentos, suas ruínas, seus cacos que abrangem uma série de tipologias textuais e podem ser vistos como colagens que formam mosaicos, cuidadosamente preparados por ele.

Preocupado em desenvolver uma filosofia cujos elementos principais de análise eram a história e a linguagem, construiu toda sua obra a partir de reminiscências, observação sobre os fatos ocorridos e experiências vividas. Articulava, em seus fragmentos, o passado, o presente e o futuro de modo que seus leitores não se apegassem a pontos de uma continuidade histórica em suas análises.

Ele pretendia escapar do modo tradicional pelo qual compreendemos a história, isto é, de forma linear, concebendo os fatos dentro de uma linha do tempo, o que nos levaria a um enquadramento positivista do progresso. A história tradicional teria como alicerce a ideia de progresso e isso fica claro com a crítica que Benjamin faz ao positivismo tradicional e ao historicismo; ele procura retirar do positivismo seu caráter universal na mesma medida em que 'condena' o historicismo. Para isso, Benjamin procurou levantar ou até mesmo revelar o que se encontrava 'por baixo do tapete' (a contrapelo do movimento da história) e o fez a partir de uma interpretação crítica. Suas 'Teses sobre a História' se apresentam como um dos maiores trabalhos do teórico, realizando uma reflexão crítica da história da humanidade.

Benjamin queria evitar os enquadramentos rígidos, procurando entrecruzar campos distintos e até mesmo díspares, como o romantismo alemão, o materialismo histórico e o messianismo judaico, por exemplo. Para ultrapassar o historicismo e o materialismo marxista, ele propõe uma teoria crítica por via de fragmentos, que juntamente com outros formam um mosaico sempre inacabado.

A proposta maior era produzir uma narrativa histórica, mas na qual a história não pudesse ser compreendida como uma linha contínua e progressiva. Ele admitiu que o progresso foi fundamental para a emancipação e para o desenvolvimento da técnica, porém alerta para o fato de que a ideia de progresso favorece uma compreensão linear e homogênea da narrativa histórica, retirando o foco da experiência. Benjamin acredita que é na experiência que as 'coisas que estão de baixo do tapete' encontram-se escondidas. Resumindo, a história não deve ser um conjunto de relatos, narrativas e fatos superficiais organizados em uma linha do tempo, sugerindo uma cristalização e objetividade - como observamos em Halbwachs, por exemplo - mas sim uma coleção de narrativas que realcem a experiência histórica passada, capaz de ser atualizada a partir de uma interpretação crítica. Dessa forma, as nuances e detalhes dos cacos não sofrem um apagamento; pelo contrário, eles emergem constituindo os mosaicos (imagens).

O autor considera que a narrativa histórica não pode ser puramente objetiva e positiva, mas deve reconhecer a dimensão da experiência, e que sem essa dimensão, a narrativa histórica seria composta por uma sequência de imagens sem sua força positiva e reflexiva, e sem menção às experiências reais e legítimas que cada indivíduo vivencia. São essas aberturas presentes em seus textos que nos levam a perceber diferentes nuances e detalhes a cada leitura.

O caráter fragmentário e aberto de sua obra nos obriga a realizar determinadas escolhas para extrair análises sobre as questões relativas ao lembrar e ao esquecer que constituem a memória, bem como o conceito de experiência. Por isso, optamos por trabalhar com fragmentos que possam nos servir de base teórica para configurar a memória enquanto experiência. Dito isto, escolhemos alguns fragmentos como 'coleção', por exemplo, que nos conduz ao conceito de 'experiência' e, conseqüentemente ao conceito de 'informação'. Esses mosaicos compostos por fragmentos, ruínas, cacos carregam um caráter surrealista em sua escrita e em sua disposição (organização).

Ao acessarmos o índice das obras de Benjamin percebemos que elas são constituídas por um conjunto de temas diversos, principalmente em 'Rua de mão única', que poderiam ser classificadas como miscelâneas. Isto porque reúnem



anotações de diferentes esferas (políticas, sociais, culturais, econômicas, estéticas, filosóficas, literárias, entre outras). Neste universo de fragmentos, gostaríamos de marcar dois importantes termos: 'coleção' e 'experiência'.

Arriscamo-nos a dizer que toda coleção composta por esses fragmentos, ruínas, restos ou cacos diversos formam um mosaico que possuem um sentido, expressando algo que está em nível de compreensão que, a princípio, nos passa despercebida. Assim, a cada leitura que fazemos desses textos é possível extrair um olhar, uma imagem e entendimento diferente.

Benjamin era um exímio colecionador. Colecionava fragmentos, restos, cacos para formar mosaicos. O colecionismo, de um modo geral, é uma atividade que requer do colecionador uma especial atenção. Isto porque toda e qualquer coleção é composta por uma diversidade de tipos de documentos, bem como de temas, ou seja, são formadas por miscelâneas, por mais que apresentem uma especificidade que demonstre semelhanças. Para formar e desenvolver coleções em bibliotecas, por exemplo, selecionamos e armazenamos suportes documentais. Mas, podemos também selecionar e armazenar fatos, detalhes, objetos, lembranças, cacos, para, talvez, materializar a experiência. A cada contato com o que foi armazenado, conseguimos fazer o exercício de lembrar, narrando para nós mesmos e para os outros o que está diante de nós. A narração é uma forma de exteriorizar nossas experiências que ficam marcadas em nossa memória individual e coletiva.

Selecionar e armazenar são as práticas mais comuns para compor uma coleção (um mosaico): é assim que Benjamin concebe a dinâmica da memória e traz consigo a experiência. Colecionamos fatos do passado, fragmentos para que no momento de lembrar o que talvez estivesse esquecido, a experiência possa vir à tona e a atualização do passado no presente seja possível. Toda vez que acessamos nossas coleções de fragmentos estamos produzindo uma narrativa diferente, dependendo do que queremos revelar da nossa identidade naquele momento. Aventuramo-nos a pensar na expressão 'força estimuladora'. Se alguma 'força estimuladora' nos afeta, reviramos nossa coleção de fragmentos e, a partir disso, construímos uma disposição (uma organização, um mosaico) do que desejamos revelar, ou seja, mostramos determinadas nuances que estão

armazenadas em nossa memória. Essa disposição só é possível a partir do momento em que dispomos a contar, recontar... ou melhor, a relembrar para percorrer novas sutilezas de uma mesma memória.

Refletindo dessa maneira é como se construíssemos nossa história não a partir de uma continuidade, e sim a partir de uma lógica criada em virtude das percepções, sensações e experiências que nos vêm à lembrança quando somos atingidos por uma 'força estimuladora'. Formamos uma imagem a partir da 'força estimuladora' que nos afeta. Para alicerçar essa ideia destacamos o fragmento *Escavando e Recordando*, presente na obra *Rua de Mão Única*:

### **Escavando e Recordando**

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois "fatos" nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a tocos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável e enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente (BENJAMIN, 1987, p. 239-240, grifo do autor).

Quando Benjamin se refere à atividade de escavar, confere a ela um sentido bem detalhado que nos remete à escavação das lembranças (cacos, fragmentos, ruínas). A cada fragmento desenterrado, é como se estivéssemos alimentando esse

mosaico a se formar. Escavar e desenterrar os cacos é um exercício praticado por todos nós para retirar do esquecimento determinadas nuances e detalhes que são afetadas por essa (ou por uma) 'força estimuladora'. Na medida em que desenterramos e livramos cada fragmento do esquecimento, estamos ao mesmo tempo constituindo mosaicos (imagens). Todo esse exercício acontece por via da memória, que é o meio. Como afirma Benjamin "é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava" (1987, p. 239). São os fragmentos que ganham uma especial atenção na obra de Benjamin, pois é a partir deles que a dinâmica da memória pode desvelar o que se encontra 'de baixo do tapete', ou seja, o processo das coisas que diferentes camadas podem revelar.

Quando relemos ou acessamos um fragmento somos levados a uma compreensão particular, a partir das associações feitas por cada elemento presente em nossa memória. A releitura nos provoca, a partir de uma 'força estimuladora', sensações parecidas com aquelas produzidas quando nos deparamos com um quadro surrealista: no primeiro instante tudo nos parece normal, depois reparamos cada tonalidade e sutileza que nos remetem a um conjunto de sensações que nos permite ler a vida de outro modo e, conseqüentemente, afeta nossos modos de construir a própria vida.

## EM BUSCA DA EXPERIÊNCIA

Experiência e percepção são conceitos que precisam ser explicados. Benjamin vai desenvolvê-los a partir da análise sobre a modernidade e suas implicações. A mais importante para ele é a experiência, que será apresentada em dois sentidos: *Erfahrung* (experiência em seu sentido pleno) e *Erlebnis* (vivência). Ao se preocupar com o declínio da experiência no sentido pleno, ele também se inquieta com o fim da tradição oral e da narrativa. Tais preocupações se apresentam em todas as primeiras obras do teórico. Somente depois, nos anos 30, Benjamin volta sua atenção para outro fenômeno – as mudanças ocorridas na produção e

compreensão das obras artísticas que interferem diretamente nas transformações geradas no campo da percepção (*Aisthêsis*).

Em seus escritos, Benjamin (2012) articula a possibilidade de experiência a uma forma, a um ritmo de trabalho que deriva do desenvolvimento dos meios de produção. E pondera que antes da industrialização, a vida individual e coletiva seguia outro ritmo, ligado ao modo artesanal. Quando ele se depara com os novos modos de produção e analisa seus efeitos, começa a refletir sobre suas implicações. Assim, a industrialização e o trabalho em série (repetitivo) promovido pelo capitalismo industrial vão modificar o ritmo de vida, que deixa de ser artesanal e passa a ser industrial.

O declínio da experiência vivida pelos indivíduos em todos os sentidos se associa a uma mudança no modo de percepção. Benjamin (2012) destaca no texto - O narrador: considerações sobre Nikolai Leskov - esse declínio da experiência, bem como o decaimento da tradição oral. Evidencia também aspectos sobre o narrador e sobre a arte de narrar, afirmando que a experiência cotidiana referente à arte de narrar, aquela que revela a tradição oral, está em vias de extinção. Benjamin declara:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (2012, p. 213).

Com isso, Benjamin (2012) articula a incapacidade de narrar ao declínio da experiência. As mudanças nos modos de produção, o uso e o consumo do conhecimento começaram a afetar os modos de vida e, ainda no século XIX, começamos a perder a capacidade de narrar, detalhar os fatos e interpretá-los. Na medida em que a narração vai se perdendo lentamente, a informação vai começando a ganhar força. Segundo Benjamin:

A cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações. [...] O extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação (2012, p. 219).

As transformações sociais, políticas, econômicas, culturais cada vez mais começaram a privilegiar a informação direta, objetiva e pontual em detrimento do conhecimento adquirido por via das experiências compartilhadas propiciadas pela tradição oral. Benjamin (2012) nos alerta que o declínio da experiência promove a perda do detalhamento, da riqueza de conhecimentos e da capacidade de interpretar que são adquiridos a partir da arte de narrar. O que aos poucos começou a acontecer foi uma mudança de lógica: da narração para a informação. É no seio dessa passagem de uma lógica a outra que os conceitos de experiência e de vivência se fazem presentes.

Para Benjamin (2012) a tradição oral e a narração eram as vias de manutenção do processo de rememoração ativa e produziam a memória individual e coletiva. Quando o homem começou a mudar, e até mesmo a perder um dos modos de transmissão cultural, ele se desfez de um de seus meios de memória. O homem antes estava inserido em um plano sistêmico e coletivo, seu ritmo de vida funcionava como parte de uma engrenagem, o todo do tecido social. Ele produzia memórias individuais indissociavelmente ligadas às coletivas porque essa produção estava atrelada a sua capacidade de transmissão oral e escrita, bem como a sua habilidade de interpretação. A mudança de lógica começou a tornar essa capacidade e habilidade humana diferente, ou seja, cada vez mais se tornava difícil ter uma vida coletiva, na qual a experiência fosse compartilhada. Assim, a vida começou a se tornar solitária, individual. Como aponta Le Goff, a “exteriorização progressiva da memória individual” (2003, p. 452-469) começa a se destacar.

Muitos autores conferem a Benjamin um espírito lamentador, mas Jeanne Marie Gagnebin afirma que o teórico “liga indissociavelmente a mudança de produção e da compreensão artística a profundas mutações de percepção (*Arthêsis*) coletiva e individual” (2013, p. 56). E ainda declara que Benjamin não pode ser visto dessa forma, visto que:

Sua visada teórica ultrapassa de longe esses acentos melancólicos. Ela se atém aos processos sociais, culturais e artísticos da fragmentação crescente e de secularização triunfante, não para tentar tirar dali uma tendência irreversível, mas, sim, possíveis instrumentos que uma política verdadeiramente ‘materialista’ deveria poder reconhecer e aproveitar em favor da maioria dos excluídos da cultura, em vez de deixar a classe dominante se apoderar deles e deles fazer novos meios de dominação (GAGNEBIN, 2013, p. 56, grifo do autor).

Segundo Gagnebin (2013), Benjamin valoriza a riqueza da vida que se pode relacionar intimamente à experiência social coletiva, à memória. É isso que a experiência em seu sentido pleno (*Erfahrung*) supõe. Essa experiência também está atrelada a uma temporalidade que alcança diversas gerações, a manutenção da tradição passada de geração para geração, por uma temporalidade própria das sociedades artesanais. Porém, com o capitalismo moderno tudo se modifica, o tempo se torna descontínuo, entrecortado, fragmentado (GAGNEBIN, 2013). Para Gagnebin, a tradição oral, a narração enquanto práticas “acarretam a formação (*bildung*), válida para todos os indivíduos de uma mesma coletividade” (2013, p. 57). Encontramos essa ideia em dois textos de Benjamin: 'O Narrador' e 'Experiência e Pobreza'. Podemos afirmar que eles se complementam e sugerem uma compreensão afirmativa do declínio da experiência.

Ademais, Benjamin, ao identificar os inúmeros problemas e dificuldades enfrentados na modernidade, vai denunciar uma nova possibilidade de experiência chamada por ele de vivência (*Erlebnis*) que, segundo Gagnebin é aquela que “reenvia à vida do indivíduo particular, na sua inefável preciosidade, mas também na sua solidão” (2013, p. 59). Essa experiência valoriza o interior e podemos entendê-la da seguinte maneira: o indivíduo a partir da sua impossibilidade de explicar e dar

conselhos, como também presenciando o fim uma tradição e de uma experiência compartilhada na vida contemporânea tende a modificar seu modo de narrativa, priorizando suas vivências singulares, consagrando a solidão e a individualidade, por exemplo. Gagnebin explica:

Para explicar a impossibilidade contemporânea de receber e dar conselhos, essa *Ratlosigkeit* (“desorientação”, “falta de conselho”) generalizada: “O conselho, entretecido na matéria da vida vivida, é sabedoria. A arte de narrar tende para o fim porque o lado épico da verdade, a sabedoria, está agonizando. Mas este é um processo que vem de longe. O fio “entretecido na matéria da vida” se rompeu, conselho e sabedoria fazem falta (2013, p. 64, grifos do autor).

A autora também afirma:

O “narrador” autêntico, que já não pode existir, é caracterizado como o narrador épico, enraizado numa longa tradição de memória oral e popular, o que lhe permite escrever e contar aventuras representativas de experiências (*Erfahrungen*) das quais todos os ouvintes/leitores podem compartilhar numa linguagem comum. O modelo originário desse tipo de narrativa é, para Benjamin e para Lukács, a *Odisséia*, [...] É notável na *Odisséia*, que ao prazer de lembrar e de contar corresponde um prazer de escutar e de aprender que a nós, modernos, parece ilimitado (GAGNEBIN, 2014, p. 220-221, grifos do autor).

Notamos a partir das palavras de Gagnebin (2014) uma valorização do ato de contar e escutar, lembrar e esquecer, bem como o de aprender. Mas, quando “o tempo se torna uma grandeza econômica, quando se trata de ganhar e, portanto, de poupar tempo, a *memória* também se transforma” (GAGNEBIN, 2014, p. 221). Ela quer dizer que com as mudanças no modo de produção, a vida também se modifica, principalmente o modo de narrar, contar, escutar, ler, lembrar, esquecer e aprender. “O lembrar infinito e coletivo do tempo pré-capitalista cede lugar à narração da vida de um indivíduo isolado, que luta pela sobrevivência e pelo sucesso numa sociedade marcada pela concorrência” (GAGNEBIN, 2014, p. 221). Isso significa o desenvolvimento de uma narrativa que dá sentido ao interior, valorizando o indivíduo e não mais o coletivo. É como se esse novo modo de vida, ligado à industrialização fizesse emergir os problemas individuais que promovia o

encolhimento do espaço infinito da memória coletiva. Então, a leitura começa a ser solitária e silenciosa, o escritor passa a se isolar, a centralidade literária passa a valorizar a individualidade. Aos poucos, as formas tradicionais que nos conduziam à atualização da experiência plena (*Erfahrung*) passam a se diluir, assim como as experiências compartilhadas e a memória coletiva. Segundo Gagnebin:

O desenvolvimento técnico capitalista contemporâneo torna ilusória qualquer esperança de retorno a essas formas comunitárias de vida, lembrança e narração, que são facilmente idealizadas em retrospecto. Ao contrário: para lutar contra esse encurtamento da percepção temporal, contra essa espécie de narcisismo do presente, que corre atrás de novidades rapidamente caducas segundo a lei do consumo de mercadorias novas, deve-se inventar outras formas de memória e de narração, capazes de sustentar uma relação crítica com a transmissão do passado, com o lembrar, e com a construção do futuro e o esperar (2014, p. 221).

Gagnebin (2014) demonstra que uma nova forma de narração se desenvolve, isto é, uma nova necessidade de se comunicar. Essa nova forma de narrar é denominada por Benjamin de *Erlebnis* (vivência). A esse respeito, Leandro Konder fornece uma diferenciação precisa:

*Erfahrung* é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem; o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas, com o tempo. *Erlebnis* é a vivência do indivíduo privado, isolado, é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos (1999, p. 83, grifos do autor).

A vivência nasce das mudanças no âmbito da produção e da compreensão artísticas que se intensificam a partir das mudanças no modo de percepção (*Aisthêsis*), isto é, do coletivo para o individual. Benjamin afirma:

Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. [...] Uma forma completamente nova de miséria recaiu sobre os homens com esse monstruoso desenvolvimento da técnica. [...] Aqui, porém, revela-se com toda clareza que nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um



rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? [...] Sim, confessamos: essa pobreza não é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral. Surge assim uma nova barbárie. Barbárie? Sim, de fato. Dizemo-lo para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ele o impele partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda (2012, p. 124-125).

Nos trechos selecionados, Benjamin (2012) clarifica o declínio da experiência em sentido pleno, alertando para a construção da vivência (*Erlebnis*). Mas, o teórico acredita que tudo isso se trata de uma passagem – de um tipo de narração à outra que ocorreu em virtude de barbáries como a guerra, e a industrialização, por exemplo. É como se os indivíduos ambicionassem por novas formas de experiências, e é a isso que ele chama de vivências, uma necessidade do novo. Isso não significa dizer que os indivíduos esperavam romper com a experiência plena, mas sim acrescentar ao seu modo de experimentar uma nova forma, não atrelada ao esvaziamento dos detalhes, e sim à possibilidade de se munir de toda a cultura e informação possível. Seria uma espécie de desejo incutido pela exaustão. O que Benjamin faz é nos colocar uma questão: não é ruim que os indivíduos queiram saber mais e absorver a maior quantidade possível de informações; no entanto, essa prática promove neles uma sensação de saciedade e, ao mesmo tempo, de esgotamento. Benjamin chega a utilizar as palavras de Scheerbart: “Vocês estão todos tão cansados” (2012, p. 127). Assim, ele consegue alertar para a falta de força quando a quantidade de ‘forças estimuladoras conduz os homens às vivências’.

Benjamin aponta o declínio da experiência plena e o faz entretecendo a esse fenômeno um segundo fato, o surgimento da experiência comunicável – a informação. Destaca ainda o surgimento do romance no início da modernidade e logo a seguir o da informação, o que nos faz pensar na informação jornalística, por exemplo. O romance enquanto gênero literário começou a proliferar com o surgimento da imprensa; o acesso a esse tipo de expressão comunicável vai ser

disseminando a partir do suporte livro. Sem dúvida, a tradição oral e o romance são gêneros distintos e produzem reações, hábitos e práticas diferentes no indivíduo. O romance é o resultado de uma nova narrativa mais isolada, sugere uma memória mais individual do que coletiva, como a tradição oral. Como Benjamin salienta, “escrever um romance significa, na descrição da vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites” (2012, p. 217).

O teórico liga as mudanças das formas comunicáveis ao ritmo das transformações ocorridas também no sistema político e econômico. Quanto mais rápido e acelerado é o ritmo das coisas, mais experiências e percepções perdemos e, ao mesmo tempo ganhamos, porque existe a informação atrelada à vivência. Assim, ao longo do tempo uma forma de experiência comunicável vai substituindo a outra: tradição oral, romance e informação.

Sobre a substituição de uma experiência comunicável por outra, ele confere maior densidade à tradição oral porque ela é constituída de um maior detalhamento dos fatos narrados, ao mesmo tempo em que atribui uma significação mais imediata à informação, que não apresenta essa riqueza de detalhes, mas informa o fato de maneira pontual. Essa substituição de experiência se transforma, com o tempo, em práticas sociais e culturais. Cabe salientar que entendemos aqui prática social como um conjunto de relações que perpassam diversas dimensões e se instalam ou se exercem durante a relação entre indivíduos. É por via das práticas sociais que uma experiência comunicável (memória) se propaga.

Benjamin nos coloca frente ao problema gerado pela técnica e tecnologia que possibilitou o crescimento na quantidade de informações. Essa abundância de informações afeta o indivíduo que se condiciona a uma nova forma de experiência – a de tentar absorver tudo o que é produzido. Essa nova forma de experiência, a vivência, privilegia a informação que não penetra nos domínios da tradição porque se reporta a uma realidade em ebulição. O domínio da vivência depende de uma dimensão que se dá no presente e é por isso que ela tolhe ou impossibilita a experiência plena (*Erfahrung*). Ao contrário da narração, a informação é pontual e rápida. Para Benjamin:

A informação só é válida enquanto atualidade. Só vive nesse momento, entregando-se-lhe completamente, e é nesse preciso momento que tem de ser esclarecida. A narrativa é muito diferente; não se gasta. Conserva toda a sua força e pode ainda ser explorada muito tempo depois (1992, p. 35).

Pelo fato da informação chegar com conteúdos prontos e esclarecedores, ela se esgota facilmente, fazendo com o que o indivíduo tenha que buscar o novo a todo instante. Essa dinâmica que é inseparável da vivência (*Erlebnis*) impede, de certa forma, a conexão de gerações e promove uma experiência que nos escapa o tempo todo. Ou seja, a vivência é a experiência própria do indivíduo moderno. Olhando por esse prisma, Benjamin faz a posituação dessa nova forma de experiência porque ele admite que a vivência é uma forma legítima de experiência humana.

A informação é sempre pontual e carregada do elemento novidade. No momento em que é nova tem valor, e como são menos detalhadas, isso significa que podemos ser atingidos por uma quantidade maior delas, o que a torna muito diferente da narrativa. O tempo de duração de uma informação é pequeno, pois não comporta muitos desdobramentos como na narração da tradição oral. Essa nova forma de comunicação acaba afetando os processos de experiência e percepção.

A concepção benjaminiana de memória se liga diretamente às suas reflexões sobre a narração, estando articulada à própria vida (experiências e percepções). Segundo Gagnebin “as formas de lembrar e esquecer, como as de narrar são meios fundamentais da construção da identidade pessoal, coletiva ou ficcional” (2014, p. 218). A autora ainda esclarece:

Ora, memória, história e identidade não são, para Benjamin, conceitos imutáveis, mas instâncias que sofrem transformações históricas. A análise dessas transformações elucida as diferenças entre vários gêneros literários (por exemplo, *epos*, romance, *short story*) e permite compreender melhor os dilemas da modernidade – e da literatura moderna e contemporânea que não consegue mais, segundo Benjamin, *contar* verdadeiramente uma história (GAGNEBIN, 2014, p. 219, grifos do autor).

Vimos que Benjamin faz questão de explicar os tipos de memória a partir dos tipos de narração, como constata Gagnebin (2014). São distinções que se firmam nos detalhes de cada gênero, produzindo no leitor diversos modos de lembrar e esquecer, de contar histórias e, conseqüentemente de construir memórias que se encontram ligados às experiências e vivências diferenciadas, correspondendo aos modos pelos quais nos elaboramos, isto é, construímos nossas subjetividades.

Entendemos aqui o termo subjetividade como produção dos modos de existência, envolvendo formas de comunicação, de memória e formas temporais. No sentido benjaminiano, as subjetividades produzidas pelas experiências comunicáveis a partir dos gêneros narrativos se articulam aos elementos que compõem o ritmo vivido pelas sociedades, isto é, um ritmo mais artesanal. Já as subjetividades produzidas na modernidade ganham um ritmo mais industrial. Sobre a produção de subjetividade tal como pensada por Benjamin, Gagnebin afirma:

Quando o *tempo* se torna uma grandeza econômica, quando se tratar de ganhar e, portanto, de poupar o tempo, a *memória* também se transforma. O lembrar infinito e coletivo do tempo pré-capitalista cede lugar à narração da vida de um indivíduo isolado, que luta pela sobrevivência e pelo sucesso numa sociedade marcada pela concorrência. O espaço infinito da memória coletiva comum encolhe, dividindo-se em lembranças avulsas de histórias particulares contadas por um escritor isolado, lidas por um leitor solitário: é o advento de uma outra forma literária, o romance. Essas mutações históricas e culturais são lentas e não seguem mecanismos deterministas, mas não podem ser eliminadas por voa vontade ou por uma decisão pessoal. Assim, mesmo que se lamente o desaparecimento das formas tradicionais de contar, o desaparecimento da escuta paciente e respeitosa dos anciãos, o desaparecimento das lembranças compartilhadas e de uma memória coletiva (tema do sociológico francês Maurice Halbwachs, contemporâneo de Benjamin), o desenvolvimento técnico capitalista contemporâneo torna ilusória qualquer esperança de retorno a essas formas comunitárias de vida, lembrança e narração, que são facilmente idealizadas em retrospecto. Ao contrário: para lutar contra esse encurtamento da percepção temporal, contra essa espécie de narcisismo do presente, que corre atrás de novidades rapidamente caducas segundo a lei do consumo de mercadorias novas, deve-se inventar outras formas de memória e de narração, capazes de substituir uma relação crítica com a transmissão do passado, com o lembrar, e com a construção do futuro a esperar (2014, p. 221, grifos do autor).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomamos experiência como memória enquanto produção singular, tanto em seu sentido pleno, articulado à memória coletiva – o que poderia, talvez, se aproximar das indicações feitas por Maurice Halbwachs - como também em seu sentido atrelado à vivência, remetendo a um processo de construção da memória numa perspectiva mais contemporânea, ligada à ideia de que a memória pode ter relação com a informação, a rapidez e o desenvolvimento tecnológico.

As experiências em seu sentido pleno entraram em crise. Diante disso, o conceito de vivência (*Erlebnis*) é capaz de positivar a lógica da informação. Com as transformações ocorridas desde o século XIX, tornamo-nos incapazes de traduzir ou expressar nossas experiências através das formas tradicionais da palavra e da narrativa, e por isso talvez, a experiência, nesse sentido, não tenha mais uma legitimidade e autoridade. Ao mesmo tempo, são as vivências no campo da informação que produzem as novas formas de experiência.

De fato, quase não há mais espaço para a narrativa tradicional no mundo atual. Tudo se encontra a serviço da informação. Benjamin anuncia isso e trata da questão da informação pensando no esvaziamento e na “pobreza” que essa narrativa produz no indivíduo. Infelizmente, não pôde acompanhar as transformações ocorridas no final do século XX e que continuam ocorrendo no século XXI. Ao tentar fugir do nazismo, atravessando os Pirineus, deparou-se com a fronteira espanhola fechada e cometeu suicídio, em setembro de 1940. Mas ainda que Benjamin não tenha tido tempo para compreender e analisar a informação configurada no capitalismo globalizado, acreditamos que suas ideias nos permitem compreender de forma mais crítica e mais criativa a memória na contemporaneidade, sem que nos percamos nas apologias do progresso ou nas lamentações sobre o passado. Foi essa a nossa tentativa nesse trabalho.

Fragmentos, cacos, ruínas que podem formar mosaicos (imagens) e uma diversidade de estilos formam as elaborações benjaminianas. O fio condutor dessas elaborações é a experiência que, no contexto da memória, pode ser apresentada como *Erfahrung* ou *Erlebnis*. É esse fio condutor que nos coloca diante dos

inúmeros problemas da contemporaneidade, marcados pela crise da própria experiência, das instituições, dos indivíduos, da memória e de tudo que constitui nossos modos de vida. Para compreendermos as dinâmicas intrínsecas a essas crises procuramos ressaltar aqui uma via possível de entendimento – a da experiência, isto é, do declínio da experiência plena e, por conseguinte, a positivação da vivência tal como nos ensina Benjamin. Se ressaltarmos que essa positivação pode incluir também a vivência da informação é porque queremos nos afastar tanto da apreensão pessimista quanto da apologia otimista sobre o contemporâneo, procurando, desta forma, apresentar uma contribuição crítica ao campo da memória social e ao da ciência da informação.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Tradução Rubens R. T. Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 239-240. (Obras Escolhidas, v. II).
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 123-128. (Obras Escolhidas, v. I).
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240. (Obras Escolhidas, v. I).
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única / infância berlinense: 1900**. Edição e Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Filô/Benjamin).
- BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio d'água, 1992.
- DURKHEIM, Émile. O que é fato social?. In: DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 1-14. (Coleção Tópicos).
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Estudos, 142).
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar, escrever e esquecer**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. 34, 2014.
- GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Revista Morpheus: estudos Interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40. Disponível em:

<<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475/4929>>. Acesso em: 20 out. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

## **SOBRE AS AUTORAS**

### ***Daniele Achilles***

Mestre em Memória Social e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio. Professora Adjunta do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos (DEPB-UNIRIO)

### ***Jô Gondar***

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Psicanalista, Professora Titular no Programa de Pós-graduação em Memória Social e no Departamento de Ciências Sociais.